

## A Rede Desenvolvimentista e o Novo Desenvolvimentismo

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Intervenção no seminário, “Desenvolvimento e Crise Global: impactos no Brasil e na América Latina”, da Rede Desenvolvimentista, Unicamp, 8 de maio de 2012.

Eu peço perdão por não falar, neste momento, sobre o desenvolvimento e a crise global, não obstante a importância deste tema.

Eu quero falar sobre **a estratégia** desta Rede Desenvolvimentista que, em boa hora, Ricardo Carneiro decidiu coordenar.

O desenvolvimentismo é uma estratégia nacional de desenvolvimento que surgiu no final dos anos 1940 para orientar a industrialização ou a revolução industrial dos países periféricos. Teve como base teórica uma teoria econômica keynesiano-estruturalista que, na América Latina, foi fundamentalmente desenvolvida por Raúl Prebisch e Celso Furtado. E tem três características fundamentais: (1) atribui ao Estado um papel estratégico em realizar poupança forçada, planejar, realizar parte substancial dos investimentos na infraestrutura e na indústria de base, e estimular o investimento privado; (2) define a industrialização como meio fundamental de promover o aumento da produtividade e o desenvolvimento econômico; e (3) pressupõe a formação de uma coalizão de classes nacionalista envolvendo a burguesia industrial, os trabalhadores urbanos e a burocracia pública, à qual se opõe a uma coalizão liberal-dependente formada pela oligarquia primário-exportadora e os interesses estrangeiros ou imperialistas.

O nacional-desenvolvimentismo – a primeira forma que assumiu o desenvolvimentismo na América Latina – teve êxito em promover a revolução nacional e industrial ou a revolução capitalista na América Latina entre os anos 1950 e 1970.

Entretanto, a partir desta última década, primeiro, nos anos 1970, desafiado pela Teoria da Dependência que negava a possibilidade de uma revolução capitalista na periferia do capitalismo, e, depois, nos anos 1980, confrontada com a nova

hegemonia neoclássica e neoliberal que se instaurara no mundo, o desenvolvimentismo perdeu forças, perdeu apoios, e foi transformado em palavrão pelo neoliberalismo triunfante. Ser desenvolvimentista significava agora ser “retrógrado” e “populista”.

Entretanto, no início dos anos 2000, diante do fracasso das reformas e políticas macroeconômicas neoclássicas e neoliberais, o desenvolvimentismo ressurgiu. Coube a mim dar um pontapé inicial, em 2003, enfrentando o establishment e afirmando que estava na hora de o Brasil, seguindo o exemplo dos países asiáticos dinâmicos, adotar um **novo desenvolvimentismo**.

Um novo desenvolvimentismo porque (1) os países em desenvolvimento de renda média, como o Brasil, estavam em um estágio diferente de desenvolvimento; não estavam mais iniciando sua revolução industrial, mas já a haviam completado, e enfrentavam agora o desafio da desindustrialização provocada pelas políticas neoliberais; (2) era agora necessário distinguir com clareza a política macroeconômica da política industrial, e dar a esta o caráter estratégico de apoio à empresa nacional que ela deve ter; (3) era preciso mostrar para a sociedade que o novo desenvolvimentismo traz com ele uma política macroeconômica que combina estabilidade de preços e estabilidade financeira com crescimento, e, portanto, que é mais responsável e mais competente do que a política macroeconômica recomendada pela ortodoxia convencional; e porque (4) a coalizão de classes a ser enfrentada não era mais liderada por uma oligarquia agrário-exportadora, mas pelos capitalistas rentistas, pelos financistas que recebem dos primeiros comissões para administrar sua riqueza, e, sempre, pelos interesses estrangeiros em ocupar o mercado interno brasileiro.

Esta proposta teve enorme repercussão. Não apenas no Brasil mas também no exterior. E, em 2010, 80 economistas do mundo inteiro assinaram as 10 Teses sobre o Novo Desenvolvimentismo. Através desse documento, que tem hoje um site na internet, o novo desenvolvimentismo se transformava em uma instituição.

Agora, surge esta Rede Desenvolvimentista. Maravilha. É mais um passo para restaurar a força de uma teoria econômica keynesiano-estruturalista e de uma estratégia desenvolvimentista na América Latina e, em particular, no Brasil.

Mas qual o papel que deve assumir esta rede? Deve ser apenas um fórum de discussão de nossas diferenças teóricas, de nós, desenvolvimentistas, ou deve ser uma **plataforma** na luta para que nossas ideias voltem a ser dominantes na universidade e, principalmente, na política econômica?

Opto firmemente pela segunda alternativa. E proponho que nossa bandeira seja o novo desenvolvimentismo. Não o novo desenvolvimentismo “do Bresser”. Mas **o nosso** novo-desenvolvimentismo – o desenvolvimentismo de cada um de nós. Porque cada um de nós terá, naturalmente, suas próprias posições teóricas e de política econômica. Somos intelectuais para termos opiniões próprias. Mas nesta rede o problema fundamental não deve ser o de “acertarmos nossos ponteiros”. Isto é tarefa para os políticos e economistas no governo, não para nós. Nós devemos conhecer nossas diferenças e discuti-las, mas somos todos desenvolvimentistas, e precisamos lutar juntos em busca da hegemonia intelectual perdida nos anos 1980.

Para alcançar esse objetivo não basta adotar a expressão “novo desenvolvimentismo”. É preciso que estejamos permanentemente envolvidos em uma batalha para conquistar o coração e as mentes dos brasileiros – de seus trabalhadores e de suas elites progressistas. Ao mesmo tempo que afinamos e damos consistência teórica a nossas propostas, é preciso que estejamos permanente definindo e redefinindo nossa retórica. Nossos adversários são poderosos, os interesses que representam são muito grandes, e sua capacidade de corrupção é muito forte. Não bastasse isso, a tentação platonista (mas nada platônica) dos economistas de se autolegitimarem socialmente através de modelos matemáticos idealistas, vazios de significado real, é muito poderosa na vida acadêmica. Para enfrentar esses dois obstáculos são necessárias, sim, boas teorias e boas propostas, mas é necessário também que lutemos politicamente pelo desenvolvimentismo – pelo desenvolvimento brasileiro.